



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ALCIONE DA ROCHA PEREIRA ARAÚJO**

**O USO DA MÚSICA NA SALA DE AULA:  
RELATO DE UMA INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO  
DE BARRA DE SANTANA-PB**

**CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO/2015**

**ALCIONE DA ROCHA PEREIRA ARAÚJO**

**O USO DA MÚSICA NA SALA DE AULA:  
RELATO DE UMA INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO  
DE BARRA DE SANTANA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**ORIENTADORA: Profa. Dra. Cristiane  
Maria Nepomuceno**

**CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO/2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663u Araújo, Alcione da Rocha Pereira

O uso da música na sala de aula [manuscrito] : relato de uma intervenção em uma escola pública do município de Barra de Santana-PB / Alcione da Rocha Pereira Araújo. - 2015.  
67 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Cristiane Maria Nepomuceno,  
Departamento de Educação".

1. Ensino de Música 2. Ensino Fundamental 3. Leitura 4.  
Prática Pedagógica I. Título.

21. ed. CDD 372.87


ALCIONE DA ROCHA PEREIRA ARAÚJO


**O USO DA MÚSICA NA SALA DE AULA:  
RELATO DE UMA INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO  
DE BARRA DE SANTANA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Educação  
da Universidade Estadual da Paraíba –  
UEPB, como parte integrante dos requisitos  
para a obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovada em: 15 de dezembro de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno – Orientadora/UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Vagda G. Gonçalves Rocha – Examinadora/UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria do Socorro Montenegro – Examinadora/UEPB

**CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO/2015**

A Deus, por estar presente nos momentos de alegria e me acalmar nos momentos de tristeza. No instante da dúvida, deu-me a certeza, lançou-me desafios, deu-me sabedoria para crescer na vida e ganhar o céu pela fé.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por estar sempre presente em minha vida em todos os momentos, dando-me forças durante minha caminhada. Obrigada, Senhor.

Ao meu marido, Sebastião, pela compreensão, paciência e colaboração. Por estar presente em todos os momentos, inclusive em minhas vitórias. Muito obrigada.

A minha família, pelo incentivo, pela atenção e pela força dada nos momentos difíceis da minha caminhada.

A minha sobrinha, Edilma Guimarães, pela colaboração, que tornou possível a realização deste projeto. Muito obrigada.

À professora Cristiane Nepomuceno, minha orientadora, que, com tanta paciência, compreensão, dedicação, competência e carisma tornou os nossos encontros preciosos e proveitosos e me compreendeu nos momentos de dúvidas e dificuldades, dando-me apoio nas horas de produção e realização deste trabalho.

Aos professores da graduação, que contribuíram de maneira significativa, proporcionando-me conhecimentos indispensáveis para a minha formação profissional, um gesto de gratidão.

Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo e momentos de troca de experiências, em especial, Danyelle Araújo, Vânia, Micheline, Ruth e Rosimere, pelos momentos felizes que compartilhamos juntas na busca do saber.

*“A leitura é a realização do objeto da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido, pois o objeto da escrita é a leitura, mas quem escreve só é capaz de fazê-lo se sabe ler o que escreve”.*

Cagliari

## RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de um projeto de intervenção pedagógica realizada com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I em uma escola municipal da zona rural de Barra de Santana-PB. Ao longo de 10 dias letivos (duas semanas de aulas), colocamos em prática uma série de estratégias voltadas para desenvolver no alunado o interesse pela leitura dentro e fora da sala de aula, de modo a estimular o pensamento e a criatividade. Através do uso de letras de músicas, trabalhamos os conteúdos relativos a língua portuguesa, ciências, matemática e geografia. A partir de uma metodologia diversificada, realizamos várias atividades, inclusive aulas de campo, a fim de oferecer ao educando um ensino prazeroso, capaz de despertar o interesse. A prática de intervenção, que atendia às exigências do Estágio III (Observação e Prática), permitiu-nos repensar, reavaliar e replanejar nossa prática durante esse processo, contribuindo para alicerçar nossos conhecimentos e conferindo-nos maior segurança em pesquisas e em outros trabalhos. A intervenção na sala de aula do ensino regular revelou que a música é um recurso facilitador da promoção do ensino e da aprendizagem face ao prazer que ela propicia. Também facilita a participação do educando no processo de ensino-aprendizagem à medida que desperta o interesse, promove o entrosamento e a participação do aluno. Observamos que, a partir da música, o grupo passou a fazer mais questionamentos em relação aos temas abordados nas atividades propostas. Os resultados obtidos a partir da realização da intervenção mostram que a música na sala de aula consegue gerar maior interação e participação do educando nas atividades e um maior entusiasmo quanto ao interesse pela leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música. Estratégia de leitura. Leitura. Prática pedagógica.



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b>	Apresentação dos livros "não-verbais" .....	<b>35</b>
<b>FIGURA 02</b>	Produção e apresentação de cartazes .....	<b>38</b>
<b>FIGURA 03</b>	O lixo e o meio ambiente .....	<b>39</b>
<b>FIGURA 04</b>	Tipos de vegetação .....	<b>40</b>
<b>FIGURA 05</b>	Culminância e danças .....	<b>42</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**RCNEI** – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

**UEPB** – Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1. O EDUCANDO E A LEITURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	15
2. A MÚSICA .....	22
2.1 Música: uma estratégia de leitura para a aprendizagem .....	24
3. A MÚSICA FACILITANDO O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO .....	27
3.1 Metodologia e trajetória de uma Intervenção Pedagógica .....	27
3.2 Caracterização da escola pesquisada .....	28
4. APRESENTANDO OS RESULTADOS: O “PROJETO” DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDO .....	30
4.1 A turma .....	31
4.2 O Projeto e as atividades desenvolvidas .....	31
4.3 Nossos encontros: apresentando os resultados .....	32
4.4 Discutindo os resultados alcançados .....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
REFERÊNCIAS .....	49
APÊNDICES .....	51
APÊNDICE A: Projeto de intervenção <i>Música: uma estratégia de leitura para a aprendizagem</i> .....	52
APÊNDICE B: Atividade desenvolvida com a turma: Interpretação da música <i>Xote Ecológico</i> – Atividade I .....	55
APÊNDICE C: Atividade desenvolvida com a turma: Interpretação da música <i>Xote Ecológico</i> – Atividade II .....	56
APÊNDICE D: Atividade desenvolvida com a turma: Interpretação textual: <i>O que fazer com o lixo que produzimos?</i> – Atividade III .....	58
APÊNDICE E: Atividade desenvolvida com a turma: Interpretação textual: <i>O que fazer com o lixo que produzimos?</i> – Atividade IV .....	60
APÊNDICE F: Atividade desenvolvida com a turma: Interpretação da música <i>Olha pro céu</i> e do texto informativo <i>Festas Juninas</i> – Atividade V .....	62
APÊNDICE G: Atividade desenvolvida com a turma: Matemática – Atividade VI .....	64
ANEXOS .....	66

<b>ANEXO A: Letra do Hino da cidade de Barra de Santana-PB .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO B: Letra da música <i>Xote Ecológico</i> .....</b>	<b>68</b>
<b>ANEXO C: Letra da música <i>Olha pro céu</i> .....</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

A partir da compreensão de que “a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos” (KOELLREUTTER apud BRITO, 2003), este trabalho objetiva discutir o uso da música como estratégia de estímulo à leitura e facilitadora do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, buscamos ampliar esta compreensão no sentido de mostrar, a partir de uma prática de intervenção pedagógica, maneiras diversas de trabalhar com esse gênero literário na sala de aula, de modo a contribuir prazerosamente para o desenvolvimento da capacidade de ler dos alunos.

A escolha pelo referido tema se justifica pela constatação de um fato: a grande dificuldade apresentada pelos alunos em interpretar e compreender as leituras propostas, organizar as ideias, o que terminava por representar um obstáculo ao desenvolvimento do gosto pela leitura. Questão que se agravava à medida que as leituras apresentadas se limitavam aos textos de conteúdo e às leituras direcionadas para fins meramente avaliativos. Cientes de que a prática da leitura não se restringe simplesmente ao contato com o texto e à sua decodificação, voltamos nosso projeto de intervenção (Estágio III – Prática) para o desenvolvimento de atividades de leitura que possibilitassem aos alunos relacionar o conteúdo do texto lido com seu contexto e o conhecimento do mundo no qual estavam inseridos. Desse modo, trabalhar com letras de música tornou-se a opção mais interessante.

Neste contexto, nosso estudo tem como objetivo mostrar que existem metodologias, mediadas pelo uso da música, capazes de despertar nos alunos o prazer pela leitura, construir o conhecimento e desenvolver a aprendizagem, distanciando da prática da leitura decodificada. A música é uma linguagem mais adequada ao aluno para o desenvolvimento da expressão da fala, da comunicação através de gestos, permitindo sensações, sentimentos e o aguçamento da imaginação.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental na zona rural de Barra de Santana-PB, com uma turma do 5º ano. O estudo apresentado foi estruturado a partir da Prática de Estágio de Intervenção, podendo, portanto, ser classificada como um “Estudo de Caso” à medida que nos permitiu, a partir dos resultados obtidos, conhecer uma dada realidade com relativa profundidade. O projeto que deu base à “Intervenção” foi elaborado e fundamentado

numa pesquisa Bibliográfica e Documental com base em Barbosa(1994), Vieira(2002),Foucambert(1994),Beyer(1999),Freire (1996, 1997),Brito(2003), Cunha(1999), Kato(1999),Maragon(2010),os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e o Referencial Curricular Nacional- RCNEI (BRASIL, 1998). Após o levantamento bibliográfico/documental do tema em questão, elaboramos o projeto e fomos à prática. Posteriormente, os resultados obtidos foram analisados e aqui apresentados.

Assim, os resultados deste estudo constam neste trabalho apresentado da seguinte forma: no primeiro item, discutimos a leitura, no âmbito geral, e o papel do educador, destacando a relação que a leitura estabelece com o educando e a escola; no segundo item, apresentamos uma discussão conceitual sobre a música e o seu uso como estratégia de leitura para facilitar o processo de ensino-aprendizagem; nos itens três e quatro, apresentamos a metodologia utilizada, a trajetória da intervenção, o projeto e as atividades desenvolvidas – descritas em detalhes, e, por fim, uma análise dos resultados alcançados a partir das atividades desenvolvidas na prática.

Esperamos que os resultados alcançados com o desenvolvimento deste trabalho possam contribuir para que outros profissionais façam a diferença, adotando uma estratégia metodológica distinta em suas salas de aula.

## 1. O EDUCANDO E A LEITURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*“É preciso ler para aprender, para dar certo nos estudos, para nos informarmos, para sabermos de onde viemos, para sabermos quem somos, para conhecer melhor os outros, para saber para onde vamos, para conservar a memória do passado, para esclarecer nosso presente, para aproveitar as experiências anteriores, para ganhar tempo, para nos evadirmos, [...]”.*

**Daniel Pennac(1993)**

Aprender a ler é considerado como sendo o domínio de habilidades para conhecer palavras e adquirir um vocabulário de palavras visualizadas, ou seja, palavras conhecidas pela vista. O educador, como mediador desse saber, precisa reconhecer primeiro nos educandos o processo em que está inserido na busca de saber mais em relação à leitura, já que ele faz parte deste processo. Assim, sabemos que o educando não é um ser passivo. Devemos saber que o conhecimento não é um dado acabado, imobilizando, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui.

O contato do educando com a leitura se dá através da leitura auditiva, pois a diferença entre falar e ouvir a leitura está no fato de a fala ser produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias, diferentes da fala espontânea. Dessa forma:

A escola que não lê muito para os seus alunos, não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer-lhes e não respeita a leitura de cada educando. Se a leitura, na sua essência, é uma atividade individual, a escola não pode torná-la um mero pretexto para avaliar outros elementos, como pronúncia, rapidez de decifração (CAGLIARI, 1989, p. 150).

Segundo o autor, a leitura é uma atividade individual e a escola precisa respeitar a leitura de cada educando, e aproveitar o melhor da punição quando o aluno não tem o interesse pela leitura. Muitas vezes, a escola não ensina os seus alunos a ler, pois subtende-se que a leitura é pronúncia, rapidez e decifração.

Qualquer atividade voltada para a leitura é uma conduta inteligente. Mas, quando se procura desenvolver no educando estratégias procurando trabalhar ou explorar a pronúncia, a rapidez e decifração sem antes propor atividades que desenvolvam no educando um letramento, essas atividades tornam-se para o aluno insignificantes e distantes. Com efeito, essas subestimações anteriores se desenvolvem e se modificam durante a leitura e o educando por si só compartilha e socializa-se dessa estratégia.

A escola precisa ensinar aos alunos a ler e a entender não só palavras, histórias, mas também os textos específicos de cada matéria. A leitura não pode ficar restrita à literatura e ao noticiário.

Sabemos que a escola é o ambiente mais adequado para desenvolver a leitura, pois ali está o professor para monitorar e observar o desenvolvimento de cada educando para detectar dentro da turma quem está se desenvolvendo melhor e quem está com mais dificuldades de entendimento sobre a leitura orientada.

As atividades de leitura precisam ser estimulantes. Mesmo que sejam na interdisciplinaridade, elas precisam favorecer também o desenvolvimento afetivo, especialmente para facilitar também a livre expressão e permitirem a descarga de tensões, assegurando o equilíbrio emocional que todo indivíduo sente quando começa a descobrir que está se desenvolvendo.

O papel do educador é de ajudar o educando na exploração de seu pensamento sobre o que foi lido, fazendo indagações sobre o assunto para que o educando comece a raciocinar, com habilidades, observações e percepção, levando-o à compreensão para (auto)expressar-se oralmente.

Sabemos que ainda existem escolas que motivam mais o educando para o desenvolvimento da escrita, levando conteúdos e mais conteúdos principalmente em termo do desempenho da produção escrita, privando a oportunidade de expressão oral, que é muito importante para o desenvolvimento da leitura interpretativa e compreensiva.

A escola precisa acompanhar a evolução do mundo, mas ela é também uma guardiã dos conhecimentos, do equilíbrio entre a tradição e o moderno, de cuja junção deve nascer a verdadeira formação a ser oferecida aos educandos. A escola deve ajudar o educando a tornar-se leitor dos textos que circulam no meio social e não limitar-se à leitura de textos pedagógicos, destinados apenas a ensinar a ler, e



sim promover leituras associativas voltadas para o desenvolvimento tecnológico do momento em que vivemos na atualidade. Assim:

A escola precisa decifrar o problema e tentar resolver, por meio de estratégias voltadas para a leitura, “outro aspecto que observa em nossa escola é a excessiva preocupação com a escrita e a pouca atenção que se dá para o desenvolvimento da leitura” (KATO, 1999, p. 06).

Contudo, a leitura não é a fala da escrita, mas um processo próprio que pressupõe um amadurecimento de habilidades linguísticas em parte diferentes das que ocorrem na produção da fala espontânea. É necessário observar o esforço do aluno que está lendo, comparável ao esforço que um aprendiz de língua estrangeira faz para ler. É difícil conciliar o elemento fonético com os elementos semânticos, e a escola tem exigido do aluno um tempo muito curto para o processo, dificultando seu aprendizado e, por vezes, causando traumas profundos, sobretudo quando o aluno, além das dificuldades fonéticas da fala, tem de usar uma pronúncia distante da realidade.

Em cada situação, a maneira de ler é diferente e determinada pela finalidade da leitura. Como sabem, as atividades realizadas sempre têm uma finalidade.

Em nossa vida diária como leitores, lemos para alguma coisa e é essa busca que determina o material selecionado e o nosso modo de ler. Além disso, na quase totalidade dos casos, lê-se em silêncio, a menos que tenhamos um único texto e queiramos informar outras pessoas do seu conteúdo, ou seja, aquilo que fazemos como leitores adultos é o que menos se faz nas situações escolares, quando mais seria necessário ajudar os educandos a descobrir a leitura e como ler em cada caso.

Na sala de aula, as crianças fazem interpretação de texto em diferentes situações: a professora lê em voz alta para os alunos, os educandos leem os mais velhos para os menores, lê a professora em silêncio diante das crianças e, em seguida, comenta o texto. Os leitores fazem antecipações a partir do suporte, a partir do autor. Às vezes, um adulto lê e depois as crianças releem um texto, leem em duplas, individual ou coletivamente (TEBEROSKY; COLOMER, 2000, p. 234).

Para as autoras, na sala de aula, deparamo-nos com diferentes situações, nas quais a participação do aluno é fundamental, seja em qualquer caso de leitura, contanto que haja uma aprendizagem satisfatória do que se deseja obter. O texto deve ser vivenciado a partir de diferentes métodos. Quando a criança lê individualmente, ela interpreta o texto de uma determinada maneira. Entretanto, quando a professora lê em voz alta, o aluno direciona outro olhar para mesmo texto. À medida que o aluno lê o texto uma ou duas vezes, ele tem uma visão ampla do significado. Sem a inclusão do professor, ele por si só faz a análise prévia de um adulto.

A professora precisa, portanto, levar para a sala de aula uma diversidade de textos. A sala deve ser um espaço amplo e agradável para o momento da leitura. O educando deve fazer suas próprias escolhas e exercer a criatividade na hora da leitura. A espontaneidade de ler é fundamental para aprendizagem: ele deve fazer as escolhas com relação a ler em silêncio, ler em voz alta ou fazer a leitura compartilhada, e o professor tem o papel de observar e descobrir as situações em que o aprendizado da leitura flui, estimulando a repetir a atividade sempre que necessário. O aluno precisa se familiarizar com o texto deve fazer suas indagações, descobrir o gênero e fazer suas indagações, fazendo uso da linguagem na vida cotidiana na escola e fora dela.

De acordo com teóricos da área, existem vários tipos de leitura. Ela não deve ser feita só de uma ordem ou mediante um único modelo. A escolha de uma palavra e não de outra é significativa; um bom leitor saberá entender. Uma leitura de ordem ou com pausa é aquela em que o leitor acompanha palavra por palavra, numa certa ordem, adquirindo, em geral, apenas um significado. Já a leitura padrão permite ao leitor descobrir não apenas o significado literal das palavras e expressões à proporção que lê, como também favorece ao leitor utilizar os conhecimentos adicionados oriundos de seu modo pessoal de interpretar o que tenha visto em sua história como leitor e falante de uma língua.

Em relação a estes dois tipos de leitura, podemos dizer que ela pode ser ouvida, vista ou falada, pois um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduza o escrito numa realização da fala. A leitura oral é vista, em geral, devido aos preconceitos linguísticos da sociedade, como uma atividade que deve ser realizada plenamente no dialeto padrão, no seu nível mais formal.

A leitura oral falada ou ouvida processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além de pôr em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala para a decodificação do texto, precisa colocar em ação os mecanismos de decodificação da escrita.

Dentre as leituras, existe a compartilhada: o vocabulário é aprendido por definições exclusivamente linguísticas, ou seja, passa da relação nome-nome. Dessa maneira, favorece-se o desenvolvimento das palavras de forma mais autônoma e o vocabulário se explica através da expressão “quer dizer”, em que a referência de um nome não é a coisa, mas outro nome. Na leitura compartilhada, o professor deixa de ser transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador e de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se nos conteúdos referentes às questões de leitura, e, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um. Tem também de reconhecer a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode instruir a criança no que convém fazer no momento propício para ajudá-la a aprender a ler.

A leitura compartilhada nada mais é que orientar o aluno para a interação com os livros e as histórias que começam a ser memorizadas. As crianças, no momento adequado, podem participar em determinada parte do discurso, assumindo muitas vezes os papéis de alguns personagens e reproduzindo o discurso direto, repetindo as emoções, os refrãos, os estribilhos, antecipando os acontecimentos de alguns episódios.

Em sua prática cotidiana, o professor deve assegurar demonstrações adequadas de leitura às crianças. Tais situações atuam como objetivos específicos, nos quais os alunos passam a encontrar sentido, e que ajudem também as próprias crianças a encontrar seus objetivos com a leitura.

Quando uma criança não encontra utilidade, não se interessa pela leitura. O professor deve fornecer-lhe outros exemplos, criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura serve como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler se não se interessar pela

leitura. Para facilitar o processo, devemos garantir às crianças amplas possibilidades de usar informações não-visuais, possibilidades de fazer previsões, compreender e ter prazer no que lê.

O professor necessita de textos, provas para avaliar o nível de aprendizagem de seus alunos. Ele sabe se uma criança faz progresso na leitura, simplesmente observando-o em sala de aula. Se o professor mantém uma boa relação com a criança, encara a aprendizagem da leitura como um processo natural e contínuo, acredita que erros contínuos pelas crianças se constituem num fator produtivo para o avanço de processos. Ela está criando condições favoráveis à aprendizagem (BARBOSA, 1994, p. 140).

Como afirma Barbosa (1994), o professor não precisa dos elementos tradicionais para avaliar a aprendizagem dos seus alunos, visto que a avaliação ou não observação contínua remete à aprendizagem que o próprio aluno produz sem a oposição do professor. Assim, o erro faz parte de todo o processo. É comum que o aluno erre, pois é através de erros que se permite a construção da aprendizagem. Não se pode deixar levar por uma ideia ou condição de que o erro existe para aquele que não aprende ou não avança na aprendizagem.

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra; daí que a posterior leitura desta não possa dar continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1982, p. 11-12).

Segundo o autor supracitado, a leitura é muito mais que decodificar um texto. Ler envolve, antes de tudo, um letramento, um conhecimento de mundo. De nada serve quando o educando lê em quatro paredes, sem fazer ponte com o mundo em que está inserido. O ato de ler alonga a inteligência, percebe o que vem antes e depois, antecipa o significado e cria seus próprios limites de convivência. Resulta também a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano transformador do mundo. Pode-se afirmar que o conjunto de representações de situações concretas envolvidas na leitura possibilita aos leitores uma “leitura” da “leitura”, a leitura do mundo antes da leitura da palavra.

O leitor está sempre voltado para obter sentido do texto. A atenção está focalizada no significado, e tudo que há, além disso, apenas recebe atenção plena. Quando o leitor encontra dificuldade na obtenção do significado, ele ainda não associa o conhecimento de mundo com o conhecimento da palavra.

O ato de ler está ligado à liberdade de expressão e realização de si mesmo. Quando o indivíduo descobre que ler é mais do que decodificar, ele tem o saber nas mãos. Destarte, torna-se capaz de se relacionar com outro indivíduo que tenha um conhecimento de mundo nessa ótica. A leitura, em sua totalidade, liberta e não oprime; leva o texto ao contexto.

A escola tem se preocupado com os educandos que chegam a um nível de escolaridade avançado, passam pelos processos de aprendizagem, mas não são capazes de ler e compreender o que estão lendo. Dessa forma, a escola está produzindo leitores capazes de decodificar qualquer texto, e atualmente o conhecimento disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação.

Resolver esse problema prático compete ao professor, à sua formação teórica. Para o aluno aprender a ler e compreender, é preciso que o professor antecipe, que faça inferência a partir do que o aluno já sabe. Deve agir com o aluno como se ele já soubesse aquilo que deve aprender, interagir com diversidade de textos escritos, propor ao aluno situações nas quais o aluno ponha em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe. Isso acontece a partir da intervenção do professor e da atividade reflexiva que o educador dispõe em sala de aula.

Quando se quer formar bons leitores, que saibam vivenciar o acesso ao mundo contemporâneo, é necessário dispor de alguns objetivos: organizar momentos de leitura livre, em que o professor também leia; planejar as atividades diárias de modo a garantir que as leituras tenham a mesma importância que as demais; possibilitar aos alunos as escolhas de suas leituras; garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura.

Controlar a leitura implica obter informações sobre o questionamento inicial, discutir as estratégias de exploração, medir o caminho percorrido; significa também formular um juízo sobre o escrito. Nesta perspectiva, a leitura só pode ser controlada completamente pelo próprio leitor; um observador pode apenas fornecer indicadores.

## 2. A MÚSICA

*“[...] muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói”.*

**RCNEI (BRASIL, 1998)**

Como poderíamos conceituar e/ou caracterizar a música? Como um som? Um ruído? Um tamborilar de dedos em algum objeto? De acordo com o Dicionário Aurélio, música significa: “arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido; composição musical; conjunto ou corporação de músicos” (FERREIRA, 1989, p.348). Conceito que assemelha-se ao de outros estudiosos, a exemplo de ElcePannain (apud BRITO, 2003, ), que define a música como “arte de combinar sons e formar com eles melodia e harmonia”. Já para Hans-Joachim Koellreutter (apud BRITO, 2003, ), “a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos”.

Esse é um tema aparentemente fácil, ou mesmo óbvio. Afinal, em nosso dia a dia, convivemos com música e não temos muita dificuldade em saber do que se trata. Ligamos o som para ouvir um pouco de música enquanto dirigimos; cantamos no chuveiro; dançamos ao som de música [...]. As manifestações musicais são extremamente diversificadas: um concerto de orquestra sinfônica, um grupo de rock [...]. Mas, que características perpassam todas essas manifestações, tornando-as “música”? O que, em suma, caracteriza a música? A questão, dessa forma, já não fica tão óbvia. Poderíamos tentar encerrar a discussão dizendo: a música é uma forma de arte que tem como material básico o som (PENNA, 2008, p.17).

Analisando as definições ditas acima, é possível observar que música e som caminham juntos. Podemos até dizer que são inseparáveis. Mas, surge, então, outro questionamento: todo ou qualquer som pode ser considerado música? Ainda de acordo com dicionário Aurélio, som é “um fenômeno acústico: propagação de ondas

sonoras produzidas por um corpo que vibra em meio material elástico (especialmente o ar); sensação auditiva criada por esse fenômeno, ruído” (FERREIRA, ano 1989, p476).

Se a música está ligada ao som, ruído, melodia, movimento e que deve ser agradável aos nossos ouvidos, como se explica o fato de inúmeras músicas serem produzidas de forma a ferir e maltratar os nossos tímpanos e a nossa mente, fazendo sucesso, ganhando destaque e repercutindo na mídia? Ao observar este aspecto, a música vai perdendo a originalidade no que diz respeito ao seu significado no sentido amplo da palavra. Se a música necessariamente precisa ser agradável aos nossos ouvidos, esta deve ser ou ter uma boa melodia, harmonia, ritmo e “consideravelmente” uma letra bem elaborada (prática que tem se perdido no atual momento).

A confusão para conceituar o que seja significado e a controvérsia sobre o que a música comunica gerou a falácia de colocar o significado em apenas um lado do processo de comunicação. Essa falácia tem sido o produto da posição confrontante entre referência, listas e absolutistas. Os primeiros sustentam que o significado musical recai tão somente na relação entre o símbolo musical e algo extra musical a que se refere; os últimos afirmam que o significado musical repousa especificamente sobre os processos musicais, não podendo haver significado fora das estruturas e relações da obra musical (BEYER 1999, p.77-78).

A música necessariamente precisa ser significativa para todos nós, já que a utilizamos em diversos momentos da vida, e de formas também diferentes (buscando aquela que no momento é adequada para a situação). Isto ocorre inclusive no processo de ensino-aprendizagem. Na verdade, quando a criança chega à escola, já traz consigo as suas músicas preferidas. Como as demais pessoas, elas estão à mercê das “escutas” lançadas no meio em que estão inseridas, e estas, então, são absorvidas por elas. Tais preferências são levadas para o ambiente escolar, que acabam por influenciar os outros colegas. Porém, na maioria das situações, as músicas são de qualidade duvidosa – razão pela qual desde a mais tenra idade é preciso desenvolver a prática de uma música saudável.

Se as crianças apenas têm acesso ao repertório de músicas de “má qualidade”, elas não poderão ser cobradas por seu “gosto musical”. Cabe ao

educador mostrar outros caminhos musicais e/ou apontar outros, que por ela própria saiba ou consiga fazer uma associação dos diferentes tipos de música.

A música possui um papel importante na educação das crianças, no processo de construção do conhecimento. Cantar ou dançar a música de qualidade traz benefícios para a infância. Desde o ventre materno, temos contato com a música. Podemos afirmar que ela é um fator marcante e detém um “poder” dominante sobre todos nós, através de suas melodias, ritmos, som e movimento.

A criança começa a perceber a música a partir de seu ambiente e da relação que mantém com as pessoas que convive. Inicialmente, é na barriga da mãe, ouvindo as batidas de seu coração, que a criança percebe a música. Afinal, o que move o bebê e a mãe é a necessidade de comunicação. No caso, a música aparece como o elo dessa comunicação, seja ao ouvir os sons internos de sua mãe, seja ao ouvir sua fala ou pessoas que conversem com ele. Os investigadores comprovaram que os bebês se movem em movimentos precisos e sincrônicos com a linguagem articulada do adulto, e logo nos primeiros dias, conseguem distinguir a voz feminina da masculina, um som verbal de um ruído. Logo, a linguagem musical, acompanhada da gestual, é a pioneira na formação do vínculo afetivo entre mãe e o filho, fator determinante no processo de musicalização da criança (CUNHA, 1999, p. 70-71).

Essa necessidade de comunicação através de uma linguagem, seja ela verbal ou não (como é o caso da pessoa surda), à qual Cunha (1999) se refere, é importante em qualquer etapa de nossas vidas. Pois é através até mesmo de ruídos e sons ou diretamente com o contato musical que interagimos uns com os outros.

## **2.1 Música: uma estratégia de leitura para a aprendizagem**

Baseada em vivências contextualizadas nos últimos procedimentos do sistema educacional, a música é uma das estratégias significativas para a aprendizagem da leitura no cotidiano das salas de aula.

Sabemos que há preocupações nos setores de educação voltadas à questão do aprendizado da leitura. Mas, infelizmente, ainda persiste o problema. Sendo assim, as reflexões contidas no trabalho da leitura que utiliza a música como uma estratégia mostram a importância de desenvolver o outro lado da leitura ou a linguagem musical, fator que poderá ser trabalhado por toda a disciplina. A música



envolve e atrai o aluno, tanto na forma auditiva como visual; seja música popular para curtir e dançar ou até mesmo cantigas de roda, músicas juninas. Aliás, toda espécie de música chama a atenção dos jovens, levando muitas vezes a uma reflexão sobre a letra da música para o contexto da realidade.

Não só na educação infantil, como também nas séries seguintes, a música é um instrumento de interação e socialização que contém em sua essência cultural riquíssimos conteúdos para serem explorados e vivenciados com todo nível de aprendizagem.

Ao ouvir música, o aluno aprende uma canção, brinca de roda, realiza brinquedos rítmicos. A música desperta, estimula e desenvolve o gosto pela atividade musical, na qual também está sendo desenvolvida a leitura, mesmo sem o aluno perceber. Aprender através da música significa envolver a vivência, a percepção e a reflexão. Segundo o RCNEI:

A linguagem musical tem estrutura e características próprias, devendo ser consideradas como: produção, centrada na experimentação e na intimação, a interpretação e improvisação, apreciação, percepção tanto dos sons e silêncio, prazer da escuta, análise e reconhecimento, reflexão, organização, criação, produtos e produtores musicais (BRASIL, 1998, p. 48).

De acordo com este documento, a aprendizagem da música como leitura é feito através da produção, quando o aluno imita, dramatiza e aprecia a música, seja através da escuta, da observação ou da análise da letra, através da leitura auditiva ou visual. Nesse processo, o aluno, por si só, reflete e organiza o conhecimento.

Sabemos que o nosso contexto cultural de música anda defasado, pois muitos artistas da música popular brasileira não têm se preocupado tanto com a formalidade ética no momento de compor as letras das músicas.

Antes, de maneira geral, os compositores tinham mais cuidado antes de expor uma canção. Hoje, a música tem levado a população a questionar o ritmo e danças exóticas, sensuais, exibindo a sensualidade humana da forma mais pornográfica possível, o que levou a sociedade a se preocupar com coisas banais e deixar para trás os assuntos cotidianos relacionados à cidadania, educação e valores.

Nesse sentido só nos resta fazer reflexões sobre nossos objetivos, onde queremos chegar como educadores, e levar os educandos a refletir não só sobre

o avanço tecnológico do contexto atual, mas resgatar para nossa sociedade o valor da música tanto para a população quanto para os compositores.

É preciso valorizar as diferentes manifestações culturais de um povo, seus ritmos e danças, como o forró e muitos outros ritmos que vêm perdendo sua originalidade e são trocadas por ritmos não muito agradáveis pelos que valorizam os ritmos e valores remotos.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 45), “A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos”. Contudo, o fazer musical na sala de aula parte do professor. É através do educador que a criança expressa a fala, transmite o pensamento e sentimento. Ela demonstra, através da música, o seu estado de espírito, o modo como se sente e como os outros a vêem.

A música, além de ser uma estratégia que desperta o aprendizado da leitura, é uma atividade lúdica, em que o professor poderá, dependendo do ritmo musical, levar o aluno ao desenvolvimento da percepção visual e a intenção para compreender os conteúdos das outras disciplinas.

Enfim, é importante oferecer a oportunidade de ouvir músicas com ou sem textos e não se limitar apenas ao que a música diz, mas ao objetivo para que ela foi criada, referindo-se ao contexto social em que a criança está inserida e devendo estar integrada de maneira intencional às atividades cotidianas na sala de aula. Deve-se levar em conta a faixa etária da criança, o que implica que toda música tem uma diferente postura ou especificidade. O professor precisa acompanhar e conhecer cada criança e cada grupo.

### 3. A MÚSICA FACILITANDO O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO

*“A pesquisa participante é talvez a proposta mais ostensiva de valorização da prática como fonte de conhecimento, apesar de suas banalizações típicas. [...] Todo conhecimento advindo da prática necessita de elaboração teórica, mas não é menos verdadeira a postura contrária. [...] pesquisa prática quer dizer ‘olhos abertos’ para a realidade, tomando-a como mestra de nossas concepções”.*

**Pedro Demo**

#### 3.1 Metodologia e trajetória de uma Intervenção Pedagógica

Este trabalho resulta de uma da prática pedagógica fruto da intervenção do Estágio III voltado para os anos iniciais. Os resultados aqui apresentados são fruto de um projeto de intervenção voltado para o uso da música como recurso de estímulo à leitura. Para tanto, tomou como espaço para intervenção uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Barra de Santana-PB. A escolha por esta escola se deu em decorrência das minhas origens, sendo o local onde tive a oportunidade de iniciar minha vida escolar.

A intervenção na sala de aula do ensino regular buscou revelar quais as possibilidades de uso da música como um recurso facilitador da promoção do ensino e da aprendizagem face ao prazer que ela propicia. Para tanto, colocamos em prática um projeto desenvolvido em parceria com uma colega de universidade que residia também na comunidade e estava cursando Pedagogia em Regime Especial pela UEPB.

A Prática(Intervenção) pode ser classificada como Estudo de Caso, já que nos permitiu, a partir dos resultados obtidos, conhecer uma dada realidade com relativa profundidade. A Prática foi fundamentada numa pesquisa Bibliográfica e Documental. No primeiro momento, fez-se um levantamento bibliográfico do tema em questão. Em seguida, o projeto foi elaborado e colocado em prática. Posteriormente, os resultados da prática efetuada foram analisados. A prática de intervenção, ainda no processo de formação, constitui-se como uma forma de testar a realidade concreta.

Para quem vive na sala de aulas, perdido em extrema indigestão teórica, cercado por intermináveis questiúnculas metodológicas, especulando sem parar, a empiria significa oportunidade para testar até que ponto o que se pensa bate com a realidade, [...]. Certamente, no contato com a realidade reconstruída, descobrem-se coisas que a teoria sequer havia suscitado (DEMO, 2008, p. 39).

Esta concepção é compartilhada por outros estudiosos, a exemplo de André (2010) (citando MARTINS, 1989), que nos diz ser a Prática da Intervenção um tipo de pesquisa, já que possibilita ao profissional em formação o

Confronto entre a formação acadêmica recebida e a prática da sala de aula, [a partir da qual] o professor gera uma “didática prática”, na qual podem estar contidos germes de uma prática pedagógica alternativa voltada à realidade dos alunos que freqüentam a escola pública hoje (MARTINS, 1989 apud ANDRÉ, 2010, p. 107).

Desse modo, ressaltar a importância da Prática de Intervenção visa a permitir novas descobertas, a exemplo do que aconteceu comigo: encontrar os desafios do cotidiano da sala de aula e ajustar os conhecimentos adquiridos ao mundo real.

### **3.2 Caracterização da escola pesquisada**

A escola objeto da intervenção está localizada em um pequeno povoado pertencente ao município de Barra de Santana-PB e funciona nos turnos diurno e vespertino. A estrutura física da escola apresenta boas condições de funcionamento, conta com cinco salas de aula, uma biblioteca, onde funciona também a diretoria. Há um laboratório de informática com seis computadores, um retroprojetor, um mimeógrafo, uma impressora, além de outros recursos. Os recursos didáticos disponíveis são: livros didático-pedagógicos e paradidáticos, jogos, outros materiais lúdicos e mapas.

O corpo docente é formado por seis professoras, todas graduadas em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, na modalidade Pedagogia em Serviço – algumas possuem especialização em Educação Infantil. Algumas delas atuam em salas multisseriadas e outras estão em turmas regulares. No período da intervenção, três delas moravam na comunidade. As demais residiam em comunidades próximas.

A escola possui uma coordenadora pedagógica, que também atua como diretora. A dependência administrativa pedagógica e assistencial é monitorada pela Prefeitura Municipal, Secretário de Educação, Inspeção Técnica e Coordenação Pedagógica. O planejamento de ensino é elaborado pelo corpo docente e pela coordenação de apoio pedagógico com a temática proposta pela Secretaria de Educação do Município.

O relacionamento entre alunos, professores e funcionários da escola durante a prática aconteceu de forma amigável. Os professores entre si procuram compartilhar com a escola suas dificuldades e acertos; não observamos competitividade entre eles. Entre professores e alunos, tem prevalecido o respeito mútuo, procurando novas metodologias e o diálogo para melhorar o comportamento de todos com relação ao cotidiano na escola e fora dela. Há uma interação contínua entre os alunos, uma vez que as tarefas lhes proporcionam esta interação.

#### **4. APRESENTANDO OS RESULTADOS: O “PROJETO” DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDO**

A intervenção consistiu no desenvolvimento de um projeto de leitura intitulado: *Música: uma estratégia de leitura para a aprendizagem*. Ele foi apresentado à direção da escola no dia 09 de junho de 2008, a partir de uma conversa inicial com a Coordenadora Geral das escolas do município<sup>1</sup>. Num segundo momento, apresentamos o projeto para a professora da turma do 5º ano responsável pela turma na qual pretendíamos desenvolver o projeto. A professora foi muito receptiva, entendendo que seria algo que traria um diferencial para a sala de aula. Ficou acertado com a coordenadora e também com a professora que a intervenção seria realizada de 10 a 20 de junho de 2008. Com 10 dias de duração, as atividades se dariam nos horários normais de aula e as atividades apresentadas deveriam levar em consideração o que estava sendo trabalhado, ou seja, o planejamento vigente, abordando todas as disciplinas.

A escolha por esta temática se deu em decorrência da observação realizada na turma como parte do Estágio III (Observação e Prática), que nos revelou as dificuldades dos alunos em compreender as leituras propostas e organizar as ideias a partir da leitura.

Nesse sentido, resolvemos utilizar a música como recurso estratégico de leitura, pois acreditávamos que diversificando a metodologia e os textos poderíamos estimular o gosto e o interesse pela leitura. No caso da música, a letra ajudaria o aluno a perceber o mundo no qual estava inserido. Pois, como já foi dito no capítulo I, utilizar apenas textos didáticos e propor atividades a partir deles para desenvolver no educando um letramento torna-se (para o aluno) um tipo de atividade insignificante e distante. Em outras palavras, a leitura não pode ficar restrita aos conteúdos pedagógicos trabalhados na aula.

Assim, reafirmamos que o papel do educador é ajudar o educando a explorar seu pensamento sobre o que foi lido, fazendo indagações sobre o assunto para que ele comece a raciocinar, com habilidades, observações e percepção capazes de conduzi-lo à compreensão para expressar-se oralmente. Desse modo, estruturamos as etapas do projeto, conforme pode ser conferido no Apêndice A.

---

<sup>1</sup>Na época da intervenção, as escolas do município estavam todas sob uma única coordenação geral. As atividades de administração pedagógica e assistencial eram monitoradas pela Prefeitura Municipal através da Secretaria de Educação e da Inspeção Técnica.

#### 4.1 A turma

O projeto de leitura foi colocado em prática numa turma do 5º ano do Ensino Fundamental. No total, contava com 29 crianças, predominantemente do sexo masculino, sendo 20 meninos e 09 meninas, com idades variando entre 09 e 14 anos. Alguns deles estavam fora de faixa etária adequada ao 5º ano. Provavelmente, o motivo está na necessidade de se afastarem da escola para trabalhar na agricultura no período do plantio e colheita para auxiliar seus familiares.

As crianças, em sua maioria, são filhos de famílias de agricultores, comerciantes, artesãos (“biscoiteiros”<sup>2</sup>), aposentados ou sobrevivem com a ajuda de custo dos programas do Governo Federal (Bolsa Família, dentre outros benefícios). Em relação à escolaridade, a maioria dos pais é semialfabetizada.

Em relação às atividades desenvolvidas, pudemos observar diferentes tipos de comportamento. Alguns alunos foram bem participativos; outros apresentaram-se mais tímidos, mas, mesmo assim, realizaram as atividades apresentadas com interesse e competência. Também é possível que, neste início, eles tenham ficado um pouco arredios em decorrência da mudança dos métodos de ensino por nós duas utilizados.

#### 4.2 O Projeto e as atividades desenvolvidas

O projeto elaborado procurou atender à solicitação da professora: encaixar-se no conteúdo que seria trabalhado no bimestre englobando todas as disciplinas. Dessa forma, optamos por trabalhar a leitura usando a música como estratégia para o desenvolvimento da aprendizagem junto aos alunos, tendo em vista que muitas vezes a maioria das escolas usa a leitura com finalidades puramente mecânicas e não incentiva o prazer pela leitura de diferentes gêneros textuais, a exemplo das letras musicais ou outros textos lúdicos, o que ajuda o educando a fazer uma leitura mais prazerosa.

O projeto foi desenvolvido partindo dos conhecimentos dos alunos. Iniciamos com leituras individuais; depois, passamos para a leitura coletiva e, a seguir, para a interpretação oral e escrita a partir da indagação. Os textos trabalhados foram as letras das seguintes músicas: *Xote Ecológico* (autoria de Luiz Gonzaga), o *Hino da*

---

<sup>2</sup> Biscoiteiros é o nome utilizado na região para as pessoas que vivem da produção de biscoitos.

*cidade*(música de Vadeilson José B. Barbosa e letra de Sebastião Gonçalves da Silva), *Olha pro céu*(autoria de Luiz Gonzaga). Vale salientar que, desde os primeiros momentos de aplicação das atividades, houve uma afinidade dos alunos com o tema pelo fato de já conhecerem as músicas, o que tornou o trabalho agradável e prazeroso.

A leitura é uma atividade de assimilação do conhecimento, de interiorização, de reflexão. Ler é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. Ler significa ser questionado pelo mundo e por se mesmo, significa que certas respostas, podem ser encontradas na escrita, significa construir uma resposta que integra partes das novas informações ao que se é (FOUCAMBERT, 1994, p. 05).

#### **4.3 Nossos encontros: apresentando os resultados**

A Prática ocorreu ao longo de duas semanas (10 dias letivos).O primeiro encontro ocorreu apenas com a coordenadora e a professora da turma, para apresentação e adequação do projeto às necessidades da turma. Desse modo, os encontros que serão relatados a seguir, no total de 09, remetem às atividades desenvolvidas diretamente com a turma. Estes encontros se deram nos horários normais de aula e as atividades apresentadas deveriam levar em consideração o que estava sendo trabalhado, ou seja, o planejamento vigente, abordando todas as disciplinas.

A rotina geral da turma: Os alunos começam a chegar à escola a partir das 12h:45min, mas só vão para a sala de aula às 13h:00min. Com a chegada da professora, os alunos eram organizados em fila para entrar na sala de aula. A aula era iniciada com uma oração, que podia ser o Pai Nosso ou outra criada para aquele momento.Após a oração, acontecia sempre uma conversa com os alunos para que eles pudessem contar sobre como havia sido o dia deles e se tiveram dificuldades com as atividades de casa. Em seguida, a professora fazia a correção das atividades que foram indicadas para casa.Às vezes, a correção era feita na lousa com as respostas corretas, sendo escritas ou por vezes feitas individualmente – a depender da atividade que fora passada para casa (isto foi observado quando fazíamos a observação da turma).



### **1º Encontro - 10 de junho de 2008:**

No nosso primeiro encontro com a turma, não realizamos nenhuma atividade prática. Iniciamos com uma conversa para apresentá-los ao projeto. Neste dia, foi realizada a primeira conversa com os alunos, pois, nos nossos primeiros contatos, realizamos apenas a observação na sala de aula.

Começamos então com a apresentação das letras das músicas que iríamos trabalhar, explicando que elas seriam utilizadas para incentivar a aprendizagem e a leitura em sala de aula.

Apresentamos as três músicas selecionadas (cf. Anexos A, B e C). Dentre elas, duas eram conhecidas por todos: *Xote Ecológico* e *Olha pro céu*; a terceira música, que era o *Hino da cidade de Barra de Santana*, ninguém conhecia. Quando consultados sobre as músicas escolhidas, todos se mostraram favoráveis, demonstrando uma ótima aceitação, tendo em vista que duas delas já faziam parte do seu cotidiano.

Terminada a consulta, demos por encerradas as atividades deste dia e acertamos para a aula seguinte o início das atividades práticas do projeto.

### **2º Encontro - 11 de junho de 2008:**

Neste encontro, iniciamos as atividades com a acolhida; fizemos uma oração e uma conversa informal, aos moldes do que a professora responsável pela turma fazia todos os dias.

Passamos para o desenvolvimento da atividade programada para o dia: trabalhar o hino da cidade. Iniciamos dizendo que tudo o que existe tem uma origem, uma criação, inclusive a cidade a qual pertencemos. Apresentamos para os alunos a letra do *Hino da cidade de Barra de Santana* (cf. Anexo A). Distribuímos uma cópia mimeografada para cada aluno e propusemos uma leitura coletiva, que foi feita por nós em voz alta – haja vista que a turma não tinha habilidade de leitura e considerando também a existência de uma certa inibição por não estarem familiarizados conosco.

No segundo momento, juntos fizemos a leitura coletiva, seguida da interpretação oral da letra do Hino da cidade. Como havia palavras que eles não

conheciam, realizamos uma pesquisa no dicionário para conhecer o significado de algumas palavras encontradas na letra do hino.

Passamos então para a etapa seguinte: a confecção de um livro composto apenas por desenhos inspirados a partir da leitura de cada estrofe do Hino, que chamamos de “livro não-verbal”. Entretanto, o tempo não foi suficiente para concluir a atividade proposta. Desse modo, acertamos com a turma que a conclusão seria feita no início do próximo encontro.

A partir desta atividade, já foi possível observar que os alunos apresentavam um nível de domínio da leitura (decodificação e interpretação) bem abaixo do esperado para a idade e o ano em que estavam matriculados.

### **3º Encontro - 12 de junho de 2008:**

Neste encontro, começamos a aula novamente com a rotina estabelecida pela professora regente: a acolhida, a oração e uma conversa informal.

Iniciamos as atividades com a leitura da letra do Hino da cidade para relembrar o que havíamos trabalhado no encontro anterior. Como havia ficado acertado, recomeçamos a confecção do “livro não-verbal”. Usamos como recursos: papel ofício, lápis hidrocor, mimeógrafo, TNT, desenho e pintura.

Para tanto, dividimos a turma em grupos e cada grupo ficou responsável por fazer a ilustração de uma estrofe. Levamos as crianças a fazer uma leitura constante do texto, a fim de facilitar a interpretação oral, observando as estrofes e os versos para facilitar uma maior interação com a leitura.

Neste encontro, notamos que os alunos apresentaram interesse nas atividades, embora tenhamos percebido muitas dificuldades quanto à leitura, que se apresentava, para a maioria, decodificada e pausada.

**FIGURA 01:** Apresentação dos livros “não-verbais”.



**Fonte:** Pesquisa de campo.

#### **4º Encontro - 13 de junho de 2008:**

Neste dia, exploramos a música *Xote Ecológico* (Cf. Anexo B). O uso da letra da música possibilitou trabalhar com conteúdos de diversas áreas: português, ciências e geografia.

Iniciamos as atividades com a reprodução da música em um aparelho de som, o que levou muita alegria para eles, pois esta prática não era comum em seu cotidiano. Em seguida, distribuímos a uma cópia da letra da música, que foi lida por um dos alunos. Ao término da leitura, surgiram algumas perguntas relacionadas à letra da música, visto que na letra estão contidas questões que remetiam ao seu cotidiano e também por haver expressões que eles não conheciam. Por exemplo, perguntaram o que significava: “não posso respirar”.

O conteúdo trabalhado neste primeiro momento foi português. Começamos, logo após a leitura e os esclarecimentos das dúvidas iniciais, a listar as palavras que os alunos não conheciam. Recorremos novamente ao dicionário para elucidar o significado destas palavras e usamos a lousa para a escrita dos termos, que eles anotaram no caderno.

Em relação ao conteúdo de português, trabalhamos também gramática, especificamente ortografia. Usamos como recurso a lousa, giz, cadernos e material mimeografado para desenvolver as atividades propostas.

A partir da leitura auditiva e visual, da escrita e reescrita, interpretação oral e escrita, trabalhamos ortografia: “x” com som de “ch”, encontros vocálicos, sinais de pontuação, dígrafos e ortografias “s” com som de “z”. Finalizamos com uma produção textual. Para tanto, levamos para a sala de aula algumas atividades mimeografadas (cf. Apêndice B). Como esperávamos, com o uso da música, tornou-se mais agradável trabalhar o conteúdo, até porque todos já conheciam a música, apesar de não estarem familiarizados com a letra.

Neste encontro, pudemos observar que, apesar da dificuldade de leitura, os alunos se mostraram muito ávidos na busca de novas informações. Sempre estavam buscando os significados das palavras desconhecidas e atentos a elas.

Marcamos para o encontro do dia seguinte um estudo sobre vegetação e meio ambiente, no qual trabalharíamos ciências e geografia, uma vez que não havia mais tempo neste dia.

#### **5º Encontro - 16 de junho de 2008:**

Novamente começamos a aula com acolhida, oração e uma conversa sobre a aula do dia anterior. Para este encontro, foi sistematizado um estudo sobre meio ambiente e poluição, relacionado à letra da música *Xote Ecológico*. Utilizamos para isto algumas perguntas orais: que mensagem esta música quer passar? O que Luiz Gonzaga queria mostrar nesta letra? O que mais chamou a atenção na música?

A princípio, as respostas foram escassas, tanto em decorrência da timidez quanto da falta de conhecimento e compreensão do sentido do texto. Um dos objetivos da atividade era verificar a capacidade interpretativa do grupo, que constatamos ser extremamente elementar, de mostrando estar bem aquém do que deveria em relação à idade e à série que cursavam.

Para favorecer o entendimento, promovemos uma discussão enfatizando a importância da preservação ambiental no mundo e, principalmente, na comunidade sobre a poluição, o lixo e os tipos de vegetação mais comuns na região. Os alunos foram respondendo às perguntas oralmente, de acordo com o entendimento deles.

Para realizar o fechamento da discussão, distribuimos uma atividade mimeografada (cf. Apêndice C) com questões dirigidas (interpretação textual) relativas à música *Xote Ecológico*. Eles responderam a contento. Para finalizar a

aula, propomos aos alunos confeccionar cartazes alertando para a necessidade de preservação ambiental e a situação do lixo, juntamente com a poluição.

Dividimos a turma para a socialização, a produção e a apresentação dos cartazes (conforme mostra Figura 01). Como não havia mais tempo neste dia, propusemos que retomáramos esta atividade no próximo encontro.

Neste encontro, pudemos perceber que, com as atividades propostas, os alunos melhoravam gradativamente o desempenho, visto que eles já expressavam melhor as idéias e buscavam sempre recorrer ao texto para a reorganização das respostas orais e escritas.

### **6º Encontro - 17 de junho de 2008:**

No nosso sexto encontro, como de costume, começamos a aula com a oração, conversas informais e retomamos a atividade da aula anterior para concluir a confecção dos cartazes sobre poluição e realizar a apresentação.

Neste dia, acrescentamos mais um assunto à discussão do dia anterior: a questão do lixo. Com este tema, contemplamos o conteúdo de ciências. Fizemos a leitura de um texto informativo intitulado: *O que fazer com o lixo que produzimos* (Cf. Apêndice D). Novamente, a leitura foi realizada de maneira coletiva, desta vez por um conjunto de alunos.

Para questionamento e estudo do texto, propusemos que os alunos falassem o que era feito com o lixo de suas casas. Todos participaram, cada um dando sua resposta. Em seguida, passamos a falar sobre o que fazer com o lixo que produzimos. Para orientar a discussão, utilizamos alguns trechos da música *Xote Ecológico* para exemplificar a destruição do meio ambiente.

Passamos a discutir sobre o que era feito com o lixo produzido na cidade com o objetivo de verificar como este era tratado e onde era colocado. Para tanto, realizamos um passeio ao redor da escola. Detectamos que o espaço utilizado para o descarte do lixo era impróprio para o despejo: ao ar livre, ao lado do muro do cemitério e, segundo informações coletadas, quando chovia, parte dos resíduos era levada pela chuva para as margens dos rios, lagos e açudes. Vale ressaltar que, para ter acesso ao cemitério, passamos por dentro do lixo.

Finalizamos a aula com uma atividade mimeografada (Cf. Apêndice E): um questionário baseado no texto informativo que seria corrigido e comentado no

próximo encontro. Propusemos também para a aula seguinte a saída para uma aula de campo, quando iríamos pesquisar a vegetação característica da região.

Pudemos notar nesta aula que os alunos já melhoravam o desempenho da leitura, pois alguns deles já demonstravam espontaneidade para realizar a leitura, quando convidados. Além disto, estavam sempre realizando as atividades orais com muita propriedade, demonstrando interação com as atividades propostas.

**FIGURA 2:** Produção e apresentação de cartazes.



Fonte: Pesquisa de campo.



**FIGURA 03:**O lixo e o meio ambiente.



**Fonte:** Pesquisa de campo.

### **7º Encontro - 18 de junho de 2008:**

No sétimo encontro, começamos a aula com oração e conversas sobre a aula anterior. Passamos então à socialização das respostas do questionário ministrado na aula anterior. Em seguida, fizemos também a correção das atividades, um a um, vendo em cada caderno como eles haviam entendido o texto. Foi possível perceber que muitos já conseguiam responder a contento, mesmo que as respostas não fossem muito organizadas ou coerentes, e às vezes copiadas do texto. Mas, o fato é que já se propunham a responder.

Saímos então para a aula de campo. Ao longo da caminhada, no entorno da escola, exploramos os tipos de vegetação encontrada e tratamos sobre as suas características (caatinga), mostrando que ela era específica da região, principalmente da Paraíba. É importante ressaltar que, nesta atividade, eles ficaram muito à vontade, demonstrando conhecer sobre a flora local bem mais que as professoras.

Os alunos colheram amostras dos tipos encontrados e levaram para a sala de aula. Lá, solicitamos que eles discutissem sobre a amostra colhida: nome das plantas, características e usos. A idéia era explorarmos a linguagem oral espontânea. A atividade foi acolhida com muito entusiasmo e empolgação, tendo a participação de todos. Terminada esta etapa, propomos aos alunos a produção de um texto individual sobre os cuidados que devemos ter com o meio ambiente.

Após a escrita do texto, alguns apresentando-se espontaneamente para ler seus textos. Em seguida, fizemos a correção individual para a reescrita, já que havia erros ortográficos e de pontuação. Aplicamos mais uma vez uma atividade mimeografada baseada na discussão sobre a vegetação e o lixo.

Para a aula posterior, solicitamos que os alunos trouxessem uma entrevista escrita com um vizinho para verificar os casos e tipos de poluição existentes na comunidade e como as pessoas tratavam seu lixo. A atividade foi pensada naquele momento, de modo que eles não receberam roteiro, tendo ficado a cargo de cada um pensar suas perguntas. Todavia, os alunos receberam orientação de quais questões deveriam discutir com seus entrevistados. Terminamos a aula combinando que, no dia seguinte, eles apresentariam os resultados da atividade proposta.

Neste encontro, pudemos observar que os alunos demonstraram muito prazer em realizar as atividades. Notamos que eles tinham muita dificuldade em produção textual, tendo em vista que não tinham o domínio da leitura. Mesmo assim, esforçavam-se para realizar sempre todas as atividades.

**FIGURA 04:** Tipos de vegetação.



**Fonte:** Pesquisa de campo.



## 8º Encontro - 19 de junho de 2008:

Neste encontro, começamos a aula como de costume, com a oração e conversas informais. Passamos, então, à correção da atividade proposta para casa. O objetivo era trabalhar o conteúdo de matemática a partir dos resultados das entrevistas realizadas.

Nas entrevistas, pedimos que os alunos perguntassem onde o lixo de cada casa era colocado e como o mau acondicionamento do lixo estava poluindo o meio ambiente – eles deveriam classificar o tipo de risco, por exemplo: poluir os lençóis d'água, o ar ou mesmo as plantações.

Através das respostas obtidas, fomos classificando: quantos jogavam lixo em terrenos baldio, quantos queimavam seu lixo, quantos jogavam-no próximo às suas casas e assim por diante. Passamos a analisar as respostas e quantificá-las. Com o resultado, construímos gráficos na lousa que eles copiavam no caderno.

A segunda parte da aula foi destinada à discussão das festas juninas, já que o período era próximo a estas manifestações. Para tanto, escolhemos a música *Olha pro céu* (cf. Anexo C). O objetivo era valorizar as práticas e tradições locais como as danças, costumes, crenças e também despertar o gosto pela leitura de forma ativa e participativa.

Apresentamos a reprodução da música em um aparelho de som. Em seguida, distribuímos a cópia com a letra. O material foi lido silenciosamente e depois procedemos com uma leitura coletiva. Partimos para explorar oralmente as estruturas, versos, estrofes e gênero. Como resultado da discussão, eles construíram um mural com a interpretação ilustrada da música. As ilustrações (pintura livre), muito ricas de sentido, mostravam os símbolos que representam as festas juninas: balões, fogueira, bandeirolas e muitos outros aspectos.

Para fundamentar a discussão com mais informações sobre os festejos juninos, fizemos a leitura de um texto informativo sobre as festas juninas. Para ajudar a interpretação, fizemos uma atividade voltada para discutir a festa de São João na Paraíba, além de questionarmos as cidades que festejam o São João no Estado. Para tanto, utilizamos atividades mimeografadas possibilitando a interpretação do texto (cf. Apêndice F). A atividade tinha várias perguntas com questões e situações-problema utilizando as operações fundamentais. Ficou

acertado que, no encontro seguinte, faríamos a culminância apresentando tudo o que foi realizado no período. Além disso, faríamos uma festa a caráter.

Nesta aula, pudemos perceber que, com o uso de uma música bem conhecida, foi bem mais fácil a leitura e interpretação do texto, pois, como já conheciam a música, a leitura fluiu mais fácil e não foi tão decodificada. Foi possível perceber também que eles têm um amplo conhecimento da matemática, visto que realizaram as atividades com muito domínio.

### 9º Encontro - 20 de junho de 2008:

No nosso último encontro, começamos a aula com as despedidas e agradecimentos aos alunos pela contribuição com o nosso projeto. Em seguida, juntos, aproveitamos para apresentar as atividades realizadas durante a execução do projeto.

Passamos, então, às brincadeiras, realizamos na escola danças, quadrilhas e degustações. Cada aluno veio para a escola vestido a caráter e trouxe para a sala um prato típico da região, com o objetivo de resgatar os valores das comidas, das danças e dos trajes dessa época.

FIGURA 05: Culminância e danças.



Fonte: Pesquisa de campo.

#### 4.4 Discutindo os resultados alcançados

Durante os 10 dias de contato com a turma, todas as atividades desenvolvidas tiveram como base o gênero música. Inicialmente, os alunos ficaram um pouco inibidos com a mudança; alguns com vergonha por se tratar de pessoas estranhas para eles. Mas, após a socialização, houve uma grande interação. Todos se envolveram e demonstraram sentir muito prazer em participar de todas as atividades.

As letras das músicas trabalhadas, formadas por estrofes e rimas fáceis e relacionadas ao cotidiano dos alunos, despertou-lhes o interesse. Nos primeiros contatos, havíamos observado que eles não tinham domínio nem as habilidades para interpretar textos. Liam muitas vezes decodificando, pausadamente, e não conseguiam entender o que haviam lido. No final da nossa intervenção, eles já conseguiam, em parte, fazer uso do texto e relacioná-lo ao contexto no qual estavam inseridos. O uso da música para viabilizar o processo de ensino-aprendizagem confirmou o que afirma Jeandot (1990, p.22): “a escuta envolve a ação de entender e compreender, ou seja, de tomar consciência daquilo que se captou através do ouvido”.

Observamos que o gênero textual escolhido facilitou a compreensão das atividades planejadas e resultou em uma aprendizagem significativa, pois criou a oportunidade para que a leitura acontecesse de forma prazerosa. A partir da música, pudemos explorar atividades como: dramatização, linguagem oral, produção textual e outras (já apresentadas anteriormente). Ao trabalharmos a letra do Hino da cidade, precisamos quebrar algumas barreiras. Como os alunos ainda não conheciam a música, no início demonstraram desinteresse, o que tornou o processo um pouco cansativo. Aos poucos, mostramos para eles a importância de se conhecer o hino da cidade, para além da data comemorativa, pois nele estavam contidos aspectos importantes que representam o lugar: história, geografia, vegetação etc. Dessa forma, Rosa (1990) nos ensina que esse tipo de música de ênfase às datas comemorativas é um recurso de grande interesse e dinâmica, permitindo trabalhar diversas temáticas em várias disciplinas.

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. Ela é componente histórico de qualquer época, portanto oferece condição de estudos na identificação de questões, comportamentos, fatos e contextos de determinada fase da história. Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais (CORREIA, 2003, p. 84-85).

Também, de acordo com Romanelli (2009), essa ligação com outras áreas do conhecimento beneficia o processo educacional de maneira integral, favorecendo também a aprendizagem da própria música.

Ao contrário do que aconteceu com o Hino da cidade, quando iniciamos o trabalho acerca do meio ambiente partindo da música *Xote Ecológico*, de Luiz Gonzaga, observamos que a reação da turma foi diferente: muito receptiva. É possível que isto tenha se dado pelo fato de já conhecerem a letra da música, mas também é provável que eles já estivessem familiarizados com a metodologia utilizada anteriormente e tivessem gostado da experiência. Nesse caso, exploramos a temática meio ambiente e também inserimos questões relacionadas ao conteúdo de Língua Portuguesa (ortografia) – sempre orientadas pela proposta de trabalhar a música de maneira interdisciplinar. Pois, como assevera Correia (2003, p. 84-85):

O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como na expressão e comunicação, linguagem lógica-matemática, conhecimento científico, saúde e outras. Os currículos de ensino devem incentivar a interdisciplinaridade.

Dando continuidade ao nosso trabalho, apresentamos para a turma a música *Olha pro céu*, também de Luiz Gonzaga. Eles mais uma vez foram bastante receptivos, pois já tinham conhecimento da letra da canção. Além do mais, por ser uma letra muito conhecida aqui em nossa região, por recordar a festa de São João, trabalhamos também um pouco da nossa cultura. Assim, acreditamos que:

[...] A música é um tipo de arte com imenso potencial educativo já que, a par de manifestações estéticas por excelência [...]. A colocam, sem dúvida, como um dos recursos mais eficazes na direção de uma educação voltada para o objetivo de se atingir o desenvolvimento integral do ser humano (SAVIANI, 2003, p.40).

O uso desta música permitiu inserir as atividades de culminância de todos os trabalhos realizados durante os dias da intervenção. Finalizamos com danças típicas, comidas e apresentação das atividades desenvolvidas. Dessas atividades também participaram outras turmas convidadas.

Em linhas gerais, a intervenção pedagógica teve bons resultados, pois os objetivos foram alcançados, tanto no que se referia à aprendizagem quanto à socialização, sem contar a boa repercussão com a turma trabalhada.

Assim, a música, quando utilizada de maneira correta e adequada, pode ser um recurso facilitador do processo ensino-aprendizagem, à medida que envolve as diversas áreas e disciplinas e estimula os alunos.

A nossa prática pedagógica foi realizada de forma interdisciplinar, valorizando a leitura como meio de aprendizagem. As atividades foram desenvolvidas com o intuito de promover o aprendizado no âmbito da interpretação e se distanciar da leitura decodificada.

A partir da intervenção, podemos observar que há formas alternativas de tornar a leitura prazerosa e sem cobranças pedagógicas para o desenvolvimento da criança. Assim, cabe ao professor criar oportunidades para que a leitura aconteça sempre de maneira educativa, e não uma leitura obrigatória e imposta, cheia de regras, para que as aulas não fiquem rotineiras e cansativas, obtendo, assim, melhores resultados no aprendizado.

Dessa forma, compreendemos que a música é uma estratégia facilitadora de aprendizagem, pois “a simples atividade de cantar uma música proporciona à criança o treinamento de uma série de aptidões importantes” (ROSA, 1990, p. 21). Também percebemos a importância de incluir no currículo da escola o ensino de música, construindo, a partir do processo de ensino-aprendizagem, a identidade da criança e garantindo qualidade de ensino. Fecharemos este capítulo com uma advertência. Afirma Loureiro (2003, p. 142):

Considerar o amplo acesso que se tem à música fora da escola não justifica a sua falta no currículo escolar, uma vez que essa música chega aos nossos ouvidos sem nenhuma discriminação e consciência por parte de quem ouve. Além do mais, é negado ao aluno o acesso a uma área do conhecimento que certamente poderá levá-lo a desenvolver o potencial artístico e criador, além de permitir que esses desenvolvam uma apreciação musical crítica e consciente. Armazenar, memorizar informações, conhecimentos estáticos e

descontextualizados não são mais situações possíveis nos dias atuais. O momento atual requer a valorização da intuição, da criatividade e da livre expressão do aluno para encarar e lidar com as diversas situações do seu cotidiano seja dentro ou fora do contexto escolar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das duas semanas que passamos na Escola desenvolvendo o Projeto de intervenção pedagógica, foi possível constatar que, dependendo do tipo de atividade planejada, os alunos, apesar das dificuldades e limitações que possam apresentar, estão abertos ao novo. As nossas atividades representaram uma grande novidade para todos, o que acarretou uma participação bastante significativa: todos demonstraram interesse e gostaram de participar. O uso da música (das letras) e a prática da leitura coletiva conduziram a uma socialização da aprendizagem perceptível. O interesse visivelmente observado a partir das falas dos alunos permitiu-nos verificar que os objetivos foram alcançados: que os resultados esperados são facilmente alcançáveis com estratégias de leitura prazerosas.

Com base na prática pedagógica e na fundamentação teórica, entende-se que a leitura está ligada à liberdade de expressão e realização de si mesmo. Porque quando o educando descobre que ler é mais que codificar, ele tem o saber nas mãos. Isto o torna capaz de se relacionar com outro indivíduo que tem conhecimento de mundo. Nessa ótica, a leitura na totalidade liberta, e não oprime, leva o texto ao contexto.

Quando os alunos compreenderam a nossa proposta de ler em sala de aula, verificamos que eles se sentiram mais estimulados a ler e escrever textos. Nesse sentido, usar a música como estratégia de leitura fez toda a diferença na construção do conhecimento de forma ativa e participativa e despertou nos alunos o gosto pela leitura, pois foram criadas oportunidades para que a leitura acontecesse de maneira prazerosa e individual. Sendo assim, o professor deve respeitar a leitura individual do aluno, para alcançar finalidades satisfatórias. Essas atitudes nos levaram a repensar os procedimentos já utilizados em nossa prática diária.

Em nossa intervenção pedagógica, vivenciamos momentos significativos que nos fizeram refletir sobre a prática em sala de aula, reforçando que as atividades de leitura devem contemplar as demais disciplinas contidas no currículo da escola. Portanto, compete ao professor a responsabilidade de planejar e realizar projetos de leitura envolvendo a todos que compõem o currículo, objetivando promover maior incentivo à aprendizagem, formando leitores conscientes e críticos à medida que estarão mais atentos com o tempo lá fora.

Desta forma, buscamos a música local/regional como estratégia para ampliar os conhecimentos dos alunos, já que eles conheciam as músicas. Partimos dessa experiência para efetivar o gosto pela leitura, levando os alunos a distanciar-se da leitura decodificada. Podemos acrescentar também que existem vários tipos de leitura a serem vivenciadas com as músicas trabalhadas. A leitura não deve ser feita só de uma ordem ou mediante um único modelo.

Apesar da contribuição que oferecemos, sentimos que as sugestões apresentadas não foram suficientes para solucionar os problemas encontrados na sala de aula no que se refere à leitura, principalmente leitura prazerosa. Técnicas de ensino e recursos propostos para incentivar a leitura precisam ser revistos, repensados e reavaliados a fim de garantir aos educandos um desempenho satisfatório nas suas leituras dentro ou fora da escola.

Pelo desempenho em nossa ação pedagógica, pudemos perceber que possibilitamos melhorias na forma de abordagem, trabalhando as letras das músicas e os textos, o que tornou a aprendizagem da leitura mais atraente e significativa. Portanto, este trabalho nos fez crescer profissionalmente, levando-nos a entender que precisamos unir a teoria à prática, associando o conhecimento adquirido com a vivência em sala de aula.



## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 17. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BEYER, Esther (Org.). **Ideias para a educação musical**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: v. 2**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Introdução: c. 1**. Brasília Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: Propostas para formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CORREIA, Marcos Antonio. Música na Educação: uma possibilidade pedagógica. **Revista Luminária**, União da Vitória, PR, n. 6, p. 83-87, 2003. Publicação da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. ISSN 1519-745-X.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Ar, som e movimento: A expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- DEMO, Pedro. Pesquisa Participante – Saber pensar e intervir juntos. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2008. (Serie Pesquisa, V. 8).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro, s.d
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artmed, s.d.
- \_\_\_\_\_. **Leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1997.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. 16. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental**. São Paulo: Papyrus, 2003.

MARANGON, Cristiane. Infância Musical. **Revista Pátio - Educação Infantil**, ano VIII, n. 23, abr./jun. 2010.

PENNA, Maura. **Reavaliação e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 2008.

PENNA, Maura. **Reavaliação e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990.

ROMANELLI, Guilherme. Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento. **Revista Aprendizagem**, Pinhais, n.14, p.24-25, 2009.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SAVIANI, Dermeval. A Educação Musical no contexto da relação entre Currículo e Sociedade. **Revista de Ciências da Educação**, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, ano 05, n. 09, 2º semestre/2003. Semestral Lorena – Centro Unisal. ISSN 1518-7039 – CDU -37.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e escrever**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Gestão da escola: Desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

# APÊNDICES

---

## **APÊNDICE A**

---

### **PROJETO DE INTERVENÇÃO: *MÚSICA: UMA ESTRATÉGIA DE LEITURA PARA A APRENDIZAGEM***

#### **JUSTIFICATIVA**

Observando a dificuldade dos alunos em compreender as leituras proposta e organizar as ideias, resolvemos utilizar uma estratégia de leitura, usando a música com o objetivo de mudar a rotina na sala de aula, diversificar as metodologias para efetivar o gosto e o interesse pela leitura.

É pensando nessa proposta que pretendemos desenvolver o projeto de leitura em uma Escola Municipal em Barra de Santana, na turma do 5º Ano do ensino Fundamental. O domínio da leitura é essencial para a participação socioefetiva, pois é através dela que algumas implicações na aprendizagem são solucionadas.

#### **OBJETIVO GERAL**

Despertar nos alunos o prazer pela leitura através de música, em virtude de construir o conhecimento e desenvolver a aprendizagem.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Desenvolver nos alunos o interesse pela leitura através da música;
- Discutir a importância da leitura;
- Estimular o interesse do aluno para ouvir e ler letras de músicas;
- Compreender os diferentes aspectos da leitura de músicas;
- Entender o poder de transformação da leitura;
- Explorar os sinais de pontuação dentro da música;
- Refletir através da música “Xote ecológico” os cuidados que se deve ter com o meio ambiente;
- Conhecer os tipos de vegetação existente na região nordeste e principalmente na comunidade;
- Resgatar os valores das festas juninas partindo da música “Olha pro céu”.

## CONTEÚDOS

- Música: Hino da cidade de Barra de Santana;
- Dígrafos;
- Música: “Xote ecológico”;
- Encontro vocálicos;
- Vegetação;
- Música: “Olha pro céu”;
- Ortografia “x” com o som de “ch”;
- Sinais de pontualidade;
- Produção de texto verbal e não-verbal;
- Poluição;
- Palavras-vocabulário.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Percepção visual;
- Exposição das letras das músicas na lousa;
- Apresentação das letras das músicas mimeografadas;
- Leitura individual e coletiva;
- Interpretação oral e escrita das músicas;
- Produção de texto não-verbal sobre as músicas; “Xote ecológico”, Hino da cidade e “Olha pro céu”;
- Produção de texto individual e reescrita;
- Confecção de um mural sobre as festas juninas, com base na música “Olha pro céu”;
- Realização de pesquisas pelos alunos sobre os nomes de rios; açudes, peixes, animais e plantas existentes na comunidade;
- Montagem de cartazes com base na música “Xote ecológico”, fazendo alerta para preservação do meio ambiente;
- Entrevista feita pelos alunos na comunidade sobre o meio ambiente, verificando os casos de poluição existentes, através de questionário. Escrito e elaborado pelo professor;
- Passeio ecológico;

- Visita ecológica enfatizando o dia mundial do meio ambiente, com intuito de verificar os tipos de vegetação existentes na comunidade e a situação da preservação ambiental e onde é depositado o lixo da comunidade;
- Construção de um gráfico para verificar os tipos de poluição existente na comunidade;
- Exploração do Hino da cidade, quanto ao gênero textual, à história e à origem do hino da cidade.

## **RECURSOS**

- Quadro branco;
- Lápis;
- Folha de papel ofício;
- TNT;
- Fotografias;
- CD;
- Mimeógrafo;
- Cola;
- Cartolinas;
- Cadernos;
- Gravuras;
- Coleção de lápis de cor

## **AVALIAÇÃO**

Através de observação contínua, exercício de verificação de aprendizagem, leitura individual e coletiva, participação e interação da turma.

## APÊNDICE B

### **ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: Interpretação da música *Xote Ecológico***

---

Escola Municipal “Vale Encantado” -Barra de Santana-PB

Aluno(a) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

5º ano

#### **ATIVIDADE I**

#### **Interpretação da música “Xote Ecológico”**

1-Qual o título da música criada por Luiz Gonzaga sobre o meio ambiente?

2-Quem foi Luiz Gonzaga?

3-O que quer dizer “Xote Ecológico”?

4-Porque a música diz “se plantar não nasce, se nascer não dá”?

5- O que o cantor quis dizer com a frase “não posso respirar, não posso mais nadar”?

## APÊNDICE C

---

### ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: Interpretação da música *Xote Ecológico*

Escola Municipal “Vale Encantado” -Barra de Santana-PB

Aluno(a) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

5º ano

#### ATIVIDADE II

1) Qual o gênero textual utilizado?

- a) Carta
- b) Anúncio
- c) Música
- d) Bilhete

2) De quantas estrofes é composta a música?

- a) 2 estrofes
- b) 3 estrofes
- c) 10 estrofes
- d) 1 estrofe

3) As estrofes são formadas por quantos versos?

- a) 11 versos
- b) 9 versos
- c) 5 versos
- d) 10 versos

4) A música fala de:

- a) Adolescência
- b) Poluição
- c) Poluição e meio ambiente
- d) Luiz Gonzaga
- e) Alimentação

5) Marque a sequência das palavras que apresenta dígrafos.

- a) Posso – terra – morrendo – Chico



- b) Poluição – cadê – flor – música
- c) Plantar – terra – Chico – pinga

6) Substitua o \* por X ou Ch.

Afrou\*ar fle\*a \*icarapu\*argordu\*o \*aveiro \*urrasco bola\*a

Ve\*amefa\*inaquei\*a alcol\*oadobaca\*i \*aminé \*aruto

8) Forme frases com as palavras:

Xote \_\_\_\_\_

Xarope \_\_\_\_\_

Xaxado \_\_\_\_\_

Lanche \_\_\_\_\_

Deixar \_\_\_\_\_

9) Retire da música palavras que apresentam dígrafos.

## APÊNDICE D

---

### ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: INTERPRETAÇÃO TEXTUAL: O QUE FAZER COM O LIXO QUE PRODUZIMOS?

Escola Municipal “Vale Encantado” -Barra de Santana-PB

Aluno(a) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

5º ano

#### ATIVIDADE III - Complementar

##### LEITURA INFORMATIVA

##### O QUE FAZER DO LIXO QUE PRODUZIMOS?

O lixo são todas as sobras resultantes do uso feito pelo homem.

Você produz lixo desde a hora em que acorda até a hora que vai dormir. Por exemplo: quando vai ao banheiro ou a mesa para as refeições; na escola, no trabalho, na rua quando joga lixo no chão. Logo, toda sociedade é responsável pelo lixo que produz.

A medida em que a população aumenta, o lixo aumenta também. Só que nem sempre a cidade dispõe de espaço para colocar tanto lixo! Quanto maior a cidade, mais complicado é o sistema de limpeza pública. A maioria das cidades brasileiras não possuem nenhum tipo de tratamento do lixo, mantém os LIXÕES, onde ratos, baratas, moscas e outros bichos representam grave ameaça à saúde da população.

Não devemos armazenar o lixo no interior das casas e nas laterais. Ele deve ser colocado em depósitos apropriados como: sacos de plástico, tonel de borracha e latas bem fechadas. Nunca deixo lixo descoberto. Jogar lixo em terrenos baldios, canais e riachos, além de poluir a sua rua e seu bairro, traz problemas para a vizinhança e para você também. Todos os insetos que vão se proliferar naquele local vão, para sua casa também.

Algumas cidades brasileiras já se reaproveitam o lixo. A coleta seletiva consiste na separação dos diversos materiais que compõem o lixo.

Após a separação, os materiais têm destinos diferentes: os restos de alimentos, cascas de frutas, e verduras passam por um processo de compostagem e são transformados em adubos para utilização na agricultura; já os papéis, vidros, plásticos e latas são reciclados pelas indústrias como matéria-prima para fabricação de novos produtos.

**Maria Zélia P. Fernandes**

**Responda:**

1- Qual a finalidade do passeio na comunidade e ao redor da escola?

2- Com base nos estudos feitos sobre o meio ambiente e o passeio ao redor da escola, o que é vegetação?

3- Faça uma listagem da vegetação característica da região Nordeste.

4- Selecione a vegetação que encontramos na comunidade.

5- Qual o nome da árvore a qual deu origem ao nome da comunidade?

6- Você conhece outras com o nome de algumas árvores? Quais?

7- A caatinga são tipos de vegetação características da região:

- a) Norte
- b) Nordeste
- c) Sul
- d) Sudeste
- e) Centro oeste

## APÊNDICE E

---

### ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: INTERPRETAÇÃO TEXTUAL: *O QUE FAZER COM O LIXO QUE PRODUZIMOS?*

Escola Municipal “Vale Encantado” -Barra de Santana-PB

Aluno(a) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

5º ano

#### ATIVIDADE IV

**Com base nos estudos feitos e na leitura do texto informativo: “O que fazer com o lixo que produzimos?”, responda às questões:**

1-Procure no texto informativo palavras desconhecidas e discuta o significado com o professor e os colegas.

2-O que é feito com o lixo das residências da sua comunidade?

3-Qual o destino do lixo de sua casa?

- a) Queimado
- b) Enterrado
- c) Exposto ao ar livre
- d) Separado e reciclado

4-Existe na sua cidade usina de beneficiamento de lixo? Se existe, diga como funciona.

5-Como é feita a coleta seletiva ou separação dos diversos materiais que compõem o lixo?

6-Você acha que na sua comunidade o lixo tem um destino adequado?

7- Como o lixo pode ser reaproveitado?

8-Fale sobre a ocorrência de algumas doenças que podem estar ligadas ao lixo.

9- Faça uma listagem de:

PEIXES	RIOS	ÁRVORES	ANIMAIS	PLANTAÇÕES

## APÊNDICE F

---

### ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA *OLHA PRO CÉU* E DO TEXTO INFORMATIVO *FESTAS JUNUNAS*

Escola Municipal “Vale Encantado” -Barra de Santana-PB

Aluno(a) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

5º ano

#### ATIVIDADE V

##### Texto: FESTAS JUNINAS

As festas juninas recebem este nome porque acontecem no mês de junho. Todas têm origem religiosa: Santo Antônio (13), São João Batista (24), São Pedro e São Paulo (29).

Esta época é marcada por brincadeiras, comidas típicas, danças e muitas superstições presentes nas simpatias juninas, costumes herdados do antigo Egito, depois veio para região nordeste, e são estes festejos que melhor refletem a forte identidade cultural entre os estados.

As festas juninas movimentam os nove estados da região Nordeste, coincidem também com a colheita do milho.

As danças mais populares são: quadrilhas, forró, baião, xote e xaxado.

**Com base na leitura informativa e nos estudos feitos sobre as festas juninas, responda:**

1- Qual a origem das festas juninas?

2- O que caracteriza essa época?

3-Onde acontecem as festas juninas?

4- Liste as comidas típicas desta época.

5-Pesquise o significado das palavras

a)Xaxado\_\_\_\_\_

b) Xote\_\_\_\_\_

6-Cite três cidades do Nordeste que sediam as festas juninas.

## APÊNDICE G

---

### ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: MATEMÁTICA

Escola Municipal “Vale Encantado” -Barra de Santana-PB

Aluno(a) \_\_\_\_\_ Data \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

5º ano

#### ATIVIDADE VI

##### Matemática – Com base nas Festas Juninas

1-No São João, Campina Grande recebe aproximadamente 5.636 turistas, e Caruaru recebe 350 turistas a mais que Campina Grande. Quantos turistas aproximadamente Caruaru recebe?

- a) 6.720 turistas
- b) 5.986 turistas
- c) 5.936 turistas

2-No parque do povo estão armadas 130 barracas, no final do mês quando acaba as festas elas são desarmadas em 5 dias. Quantas barracas serão desarmadas por dia no parque do povo?

- a) 26 barracas
- b) 23 barracas
- c) 28 barracas
- d) 18 barracas

3-A professora precisa para enfeitar a sala de aula 200 bandeirinhas, mas a escola já tem 52 bandeirinhas. Quantas ainda falta fazer para enfeitar a sala?



- a) 48 bandeirinhas
- b) 38 bandeirinhas
- c) 42 bandeirinhas
- d) 148 bandeirinhas

4-A mãe de Ivan vende 480 pamonhas por mês, cada pamonha custa R\$ 1,50.

Quanto ela apurou nas pamonhas?

- a) R\$ 720,00
- b) R\$ 710,00
- c) R\$70,00
- d) R\$ 820,00

# ANEXOS

## ANEXO A

---

### LETRA DO HINO DA CIDADE DE BARRA DE SANTANA-PB

#### HINO DE BARRA DE SANTANA

Autoria: Vadeilson José B. Costa.

Letra: Sebastião Gonçalves da Silva

Encontramos nas tuas origens  
De escravos e desbravadores  
De caboclos e tribos indígenas  
A herança de grandes valores

Onde os índios fizeram parada  
A natureza criou um altar  
Escrituras antigas registram  
Teus anseios para prosperar.

Fostes vila, um centro de apoio,  
Pela sua localização,  
O teu premio foi a liberdade  
Do teu povo, teu céu e teu chão.

*Barra de Santana leito onde habita  
Es a musa que inspira paz e poesia  
Barra de Santana leito onde habita  
Alegria, paz, amor e poesia.*

Sua fonte de renda e de vida  
Pecuária e agricultura  
Na junção do passado e presente  
Tua historia exala cultura.

A caatinga é a tua flora  
Pra tua fauna o mais belo rincão.  
Paraíba e Bodocongó:  
São os rios que cortam teu chão.

Hoje tens pequenina rainha  
No teu povo a tua grandeza,  
Desta forma as grandes conquistas  
Irão vir, por amor, com certeza.

*Barra de Santana leito onde habita  
Ês a musa que inspira paz e poesia  
Barra de Santana leito onde habita  
Alegria, paz, amor e poesia.*

## ANEXO B

---

### LETRA DA MÚSICA “XOTE ECOLÓGICO”

#### “Xote Ecológico” (Luiz Gonzaga)

Não posso respirar, não posso mais nadar  
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar  
E se plantar não nasce, se nascer não dá  
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui?  
Poluição comeu.  
E o peixe que é do mar?  
Poluição comeu  
E o verde onde é que está?  
Poluição comeu  
Nem o Chico Mendes sobreviveu

**Fonte:** <<http://letras.mus/luisgonzaga.com>>.

## ANEXO C

### LETRA DA MÚSICA “OLHA PRO CÉU”

#### “OLHA PRO CÉU” (Luiz Gonzaga)

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

Foi numa noite igual a esta  
Que tu me deste o coração  
O céu estava assim em festa  
Pois era noite de São João

Havia balões no ar  
Xote, baião no salão  
E no terreiro o teu olhar  
Que incendiou meu coração

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha praquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo

**Fonte:** <http://letras.mus.br/luiz-gonzaga>